

LETRAMENTOS SOCIAIS: ABORDAGENS CRÍTICAS DO LETRAMENTO NO DESENVOLVIMENTO, NA ETNOGRAFIA E NA EDUCAÇÃO

Nádia Ferreira de Faria Braga*

STREET, Brian. *Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação*. Tradução: Marcos Bagno. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2014.

Nos últimos anos, o estudo da cultura escrita tem sido objeto de interesse de várias pesquisas; entretanto, não há um direcionamento acerca das discussões sobre o tema, fato que Clécio Bunzen, na apresentação desta obra, classifica como “terra de ninguém”. Esses estudos realizados no contexto brasileiro, assim como em outros países, permitiram interessantes reflexões sobre a compreensão das práticas de letramento.

Escrito originalmente no ano de 1995 e traduzido para a Língua Portuguesa em 2014 por Marcos Bagno, o livro “Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação” mostra-se bastante atual, diante do debate educacional brasileiro acerca do letramento. Brian Street se apoia nos “novos estudos de letramento”, a fim de explicitar a tese central que defende no livro, que visa compreender o letramento como prática social e cultural.

Brian Vincent Street é professor emérito do King’s College London e professor visitante da University of Pennsylvania. Atualmente, desenvolve atividades no Brasil, ministrando algumas disciplinas na Universidade Federal de Minas Gerais. Street é um dos principais teóricos com foco nas perspectivas etnográfica e acadêmica do letramento. Autor de vários livros, *Letramentos sociais* é sua primeira obra publicada no Brasil. Entretanto, há alguns trabalhos¹ do autor publicados em língua portuguesa que vêm contribuindo bastante com o desenvolvimento de pesquisas em letramento.

A obra se divide em cinco seções, compostas por nove capítulos. A versão brasileira se distingue da original, pois contém a quinta seção composta pelo nono capítulo. Na primeira seção, intitulada “Letramento, política e mudança social”, composta pelo primeiro e segundo capítulos, o autor busca manifestar sua insatisfação com as representações de letramento veiculadas durante o Ano internacional da alfabetização (1990). Nesse momento, Street critica as campanhas pró-alfabetização que desprezam os letramentos locais e afirma a necessidade de mais análise qualitativa do que quantitativa. O autor se refere a iletrados que precisam se tornar letrados, diferenciando-os, porém, dos analfabetos. Para ele, pessoas alfabetizadas são muito letradas em uma área e pouco letradas em outra e sofrem o estigma de serem consideradas analfabetas, em função disso. Segundo Street, a tarefa política é desenvolver estratégias que lidem com a variedade de tipos de letramentos na sociedade. Nessa primeira seção, Street (2014, p. 44) expõe os modelos autônomo e ideológico de letramento. O primeiro “pressupõe uma única direção em que o desenvolvimento do letramento pode ser traçado e associa-o a progresso, isolando o letramento

* Professora doutora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília (UnB). E-mail: lidia_f@uol.com.br

como uma variedade independente capaz de estudar suas consequências”. O segundo “ressalta a importância do processo de socialização na construção do significado do letramento para os participantes e se preocupa com as instituições sociais gerais por meio das quais esse processo se dá, e não somente com as instituições pedagógicas”. Segundo o autor, as políticas públicas de letramento não obtêm sucesso, pois se apoiam na ideia do letramento autônomo. Dessa forma, o autor se opõe ao modelo autônomo e defende o modelo ideológico de letramento.

Na segunda seção, intitulada “A etnografia do letramento”, composta pelo terceiro e quarto capítulos, Street relata um trabalho de campo antropológico desenvolvido por ele mesmo no Irã, na década de 1970. Com esse trabalho, o autor objetivava compreender os letramentos locais, para o qual valeu-se da etnografia. Street destaca que a perspectiva transcultural de estudo traz a necessidade de discutir a variedade e a complexidade das práticas letradas e cita algumas abordagens falhas nesse processo. Um procedimento clássico da Antropologia do século XIX, conhecido como “se eu fosse um cavalo”, é uma dessas, uma vez que a tentativa de alcançar o modo de percepção de outras pessoas e de outras culturas nem sempre é exitosa. O autor finaliza essa seção destacando a necessidade de um quadro teórico metodológico para o estudo de oralidade e letramento em contextos sociais.

Na terceira seção, denominada “O letramento na educação”, composta pelo quinto e sexto capítulos, Street trata da *pedagogização* do letramento, associando letramento às noções educacionais e destacando a pedagogia como força ideológica que controla as relações sociais em geral. O autor destaca que existem outros letramentos ao lado das versões dominantes escolarizadas e coloca a necessidade de se evitar juízo de valor acerca da suposta superioridade do letramento escolarizado, em detrimento de outros letramentos.

Street afirma, ainda, que a concepção de letramento, associada à escolarização, está transformando a rica variedade de práticas letradas em uma prática única, já que a escola, estando separada de outros tempos e outros lugares, acaba por criar o que ele denominou de voz pedagógica. O autor argumenta que letrar-se não é simplesmente adquirir conteúdo, mas aprender um processo. Nessa seção, o autor trata, ainda, da grande divisão entre oralidade e letramento, conceito que irá abordar mais detidamente na seção seguinte.

Na quarta seção, intitulada “Para um quadro teórico crítico”, composta pelo sétimo e oitavo capítulos, Street retoma alguns conceitos já discutidos anteriormente e propõe um quadro teórico crítico, baseado no modelo ideológico de letramento. O autor analisa, ainda, a concepção de Walter Ong a respeito dos estudos de letramento e sua influência ao sustentar a grande divisão entre oralidade e letramento. Street resume os argumentos de Ong, analisa-os em três níveis (metodológico, empírico e teórico) e afirma que, embora exerça grande influência nos estudos de letramento, “a tese de Ong parece ser de pouco valor na investigação da relação entre oralidade e letramento” (STREET, 2014, p. 169). Nesse sentido, Street opõe-se, claramente, à teoria da grande divisão, reafirmando, assim, sua defesa de que letramento envolve questões sociais e culturais, para além do desenvolvimento de habilidades neutras.

A quinta e última seção, chamada “Relações entre políticas, teoria e pesquisa no campo do letramento”, está apenas nesta edição brasileira. Tal seção é composta pelo nono capítulo, em que o autor defende uma perspectiva social do letramento que integre política, pesquisa e teoria, além de defender abordagens políticas qualitativas que considerem o letramento como um ato social. O autor apresenta os relatórios do Education for All Global Monitoring Report (EFA) e do Programa Internacional de Avaliação de Alunos (PISA) e faz duras críticas aos

sistemas de avaliação educacional, argumentando que “o resultado desse processo de padronização de avaliações educacionais é a perda da diversidade de cultura, de tradições, de crenças e práticas e, com ela, a perda da aprendizagem intercultural (STREET, 2014, p. 198). Street reafirma que o modo como as pessoas se apropriam do letramento não é resultado somente de fatores pedagógicos e cognitivos, mas também de aspectos culturais e sociais. Para ilustrar essa afirmativa, utiliza a imagem do *iceberg*, a fim de demonstrar que a maior parte da aprendizagem humana não ocorre em contextos formais. Dessa forma, o autor argumenta em favor de mudança nas políticas, de um modelo autônomo para abordagens culturais de letramento e aprendizagem.

O livro *Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação*, recém lançado no Brasil, traz um debate atual acerca dos modelos de letramento, apesar de ter sido escrito originalmente há cerca de vinte anos. Nosso país vive um momento no qual várias questões abordadas no livro estão sendo trazidas ao debate educacional. Dessa forma, é leitura altamente recomendável a todos aqueles que estão comprometidos com a educação brasileira e buscam um conhecimento reflexivo sobre questões pertinentes à relação entre linguagem e ensino.

NOTAS

¹ Cf. alguns dos artigos de Brian Street em português (2007, 2010a, 2010b, 2012, 2013).

REFERÊNCIAS

- STREET, B. Perspectivas interculturais sobre o letramento. *Revista Filologia e Linguística Portuguesa*, São Paulo, v. 8, 2007.
- STREET, B. Os novos estudos sobre letramento: histórico e perspectivas. In: MARILDES, M.; CARVALHO, G. T. *Cultura escrita e letramento*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010a.
- STREET, B. Dimensões “escondidas” na escrita de artigos acadêmicos. *Revista Perspectiva*, Florianópolis, v. 28, n. 2, p. 541-567, jul./dez. 2010b.
- STREET, B. Eventos de letramento e práticas de letramento: teoria e prática nos novos estudos de letramento. In: MAGALHÃES, I. (Org). *Discursos e práticas de letramento: pesquisa etnográfica e formação de professores*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2012.
- STREET, B. Políticas e práticas de letramento na Inglaterra: uma perspectiva de letramentos sociais como base para uma comparação com o Brasil. *Cadernos CEDES*, Campinas, v. 33, n. 89, jan./abr. 2013.

Enviado em 5 de dezembro de 2015.
Aprovado em 20 de dezembro de 2015.